

RELATOS DO BULE OU JACARANDÁS NO INFERNO

EPÍLOGO

Ninguém reconheceria Guilherme hoje. Emagreceu uns bons quilos, cortou a barba, fez uma pequena operação cirúrgica que lhe deu uns olhos novos (já não usa aqueles óculos grossos intelectuais de tartaruga). É verdade que o cabelo lhe está a cair um pouco (ou a crescer menos, como dizem alguns). Mas é um gosto vê-lo muito mais leve, e em geral contente. Acredita que no tempo de vida que terá ainda conseguirá vencer a corrida, em competição com o cabelo... Mesmo que perca, fica a ganhar.

Todos os dias pela manhã, faça chuva ou faça sol, vai ao ginásio, onde fez bons amigos – quem diria? E por vezes também caminha, firme, apreciando o sol... ou a chuva.

Esta crónica, caros leitores, há que lê-la, assim ao ar livre de um dia de verão, com uma música de fundo do género *Happy days are here again*. Mas, realmente, sem necessidade de qualquer conotação política. Aliás, Guilherme pensa cada vez menos na política convencional, na velhíssima política que ocupou uma parte da sua vida nos velhos tempos. Parte pequena, na verdade, mas que ele

acha agora exageradíssima. E embora (agradece isso aos seus anjos ou afins) sempre à distância das coisas mais sérias e mais problemáticas. Sempre o respeitaram como intelectual, e lhe deixaram as mãos limpas, porque distantes da massa... Como Kant, afinal, de quem curiosamente gosta. Não meteu a mão na massa. Ficou-se por ideais e teorias. Dessa forma, perdeu tempo mas nunca a Alma.

Preocupam-no agora novas coisas e novas causas, mas antes de tudo gostaria de saber a realidade. Desconfia que se sabe pouco de muitas coisas... A mentira, a hipocrisia, a falsa consciência são coisas que o preocupam ainda... Na medida em que ainda deixa que algo o preocupe.

Que mais vê um observador próximo e atento como eu, seu velho e bom Bule de guarda? Vejo que veste de forma menos convencional, que comprou algum guarda-roupa novo, que se atreve a ler livros diferentes, a ver outros filmes, e a ouvir outras músicas. Não que ele fosse de modo algum preconceituoso. Apenas agora talvez esteja mais



PAULO FERREIRA
DA CUNHA

curioso quanto ao vasto mundo. Sem se comprometer com qualquer das suas sendas.

Os visitantes aqui de casa também são outros. E começou a dar algumas festas, naturalmente com a elegância e discrição de sempre, mas com amigos mesmo, e não aqueles jantares convencionais para que convidava colegas e “correligionários” (?) apenas, e que eram, na verdade, reuniões de negócios ou estratégia... Altissimamente aborrecidas, diga-se.

Incapaz de fazer a corte, Guilherme. Nisso está igual. Mas mais distante da “sociedade”. Note-se: tal não significa insociabilidade, apenas radical corte com a condescendência perante coisas aborrecidas, convenientes, etc. A vida é curta: para quê perdê-la no que é apenas maçadoria? Ou então (mas isso nunca foi o seu género) em diversão fátua, superficial, postiça, votada inevitavelmente à subsequente depressão?

Em Guilherme, o culto da amizade, a que aliás sempre se consagrou, floresce agora no seu máximo. E numa pujança de verdade. Se alguma escassa submissão às regras de racionalidades exógenas não terá por completo acabado, está em bom caminho de se moderar muito... Apenas o mínimo de convencionalidade. O requerido pela condição, pelas circunstâncias.

Há, realmente, em Guilherme uma grande mudança. Dir-se-ia que podemos ver um ante- e um após-. Ele mesmo fala numa anterior “encarnação” e numa “nova encarnação”. Brincando, claro está. Mas a imagem parece eloquente.

Gosto de ver Guilherme sorrir, cantar, até esboçar um passo de dança, ainda que sem par... quando algo o inspira mais... A música passou a ser sua companhia mais assídua. E também passa menos tempo em casa, porque agora tem um *atelier* em que trabalha.

Pois. Essa é que é a grande novidade. Guilherme, que ultimamente acumulava várias turmas de História da Arte e de Projeto, normalmente sem assistentes, sem

colaboradores permanentes, sem poder fazer “escola” (que foi uma tentação diabólica que o preocupou nos primeiros anos da sua carreira: ele achava, estultamente, que tinha um legado a transmitir...), dirigindo um centro de investigação e várias revistas sem financiamento (mas ele mesmo nada queria financiado, porque sabia que isso cria enormes dependências e inimagináveis burocracias), regularmente fazendo congressos e indo a colóquios pelo mundo fora, não tinha vida. *Get a life!* – como essa palavra de ordem era pertinente.

Era ele uma projeção de uma ideia de universitário que, com uma espécie de sonambulismo, andava pela vida, guiado pelas suas proverbiais boas maneiras e a sua séria ética de berço, mas estrangido pelas mil e uma corveias permanentes que lhe caíam.

Claro que ele fazia por se sublevar. Por procurar manter a individualidade e, antes de mais, o decoro aprumadíssimo e a consciência tranquila. Mas cada vez mais repetia a frase de Gustavo Corção, segundo a qual o tempo é um pérfido inimigo que “ataca fugindo”. Não tinha tempo para nada. E

sentia que estava a ser um peão (diziam-no agora “colaborador”) de uma máquina trituradora, sem um vero propósito, sem um concreto sentido. Máquina movida por afinal ninguém. Lia e relia textos de Luc Ferry sobre essa falta de rosto dos novos poderes.

Sem qualquer teoria da conspiração: há mecanismos que, postos em marcha, provocam necessariamente infelicidade. Um deles (só um...) é o da avaliação como permanente espada de Dâmocles. Um mundo de avaliadores e avaliados, sem tempo para respirar entre avaliações, destrói a gratuitidade das funções, a liberdade e a dádiva que deve ser ensinar e aprender, pesquisar e comunicar a pesquisa. Trabalhar para notas e estatísticas é uma outra forma de trabalhar para inglês ver, e de não fazer o que não “dá pontos”. É instituir a competitividade permanente

“Sem qualquer teoria da conspiração: há mecanismos que, postos em marcha, provocam necessariamente infelicidade.”



entre quem deveria colaborar. Ele até fora (pelo menos de início) muito bem classificado. E só fazia o que lhe apetecia. Mas... e os outros? E as pessoas normais? Poderá haver pessoas normais sob o espectro da avaliação e o medo do que uma má nota possa vir a acarretar? Aqui para nós: as pessoas tornam-se robots ao serviço de metas, algumas impossíveis de cumprir. Ouviu recentemente notícia de incríveis despedimentos do outro lado do Mundo...

Sempre lhe repugnaram burocracias e reformas burocráticas para conseguir as boas graças de uma racionalidade estrangeira, uniformizadora e alheia à especificidade das Artes, com o fim de obter subsídios destinados, por sua vez, a desperdícios em coisas não essenciais às Artes. A Arte era a sua religião, e essa devoção parecia-lhe atacada por mil heresias, envilecida, ensombrada.

Claro que ele adorava a Universidade (ainda adora: é o seu grande templo). A Universidade é o seu sonho institucional. E nela tem

aprovados e no mercado, e a breve trecho de silusões. Muitas desilusões.

Lembrava-se do que tinha sido a exaltação das teses no seu tempo, e de como agora – com exceções que ele prezava e louvava ao máximo, claro – e era até dos menos afetados – já raramente via coisas brilhantes. Alguns colegas lhe diziam que pululavam erros ortográficos (nem falar nos de pontuação), de cálculo, de raciocínio, como imperava verbalismo, demagogia, ideia-feita, e até plágio! Ele sentia que essa maré lhe estaria certamente quase a chegar... Como iria ele suportar que um candidato a Arquiteto lhe dissesse que não sabia desenhar, e que isso nunca tinha sido importante até aí? Ou que não sabia matemática nem geometria, e que, na verdade, o que queria era conceber, criar, “livremente”, etc.? Ou então, por outro lado, que desdenhava das próprias ideias da criação ou da arte, preconceitos burgueses, ou qualquer coisa do género?

Guilherme sofria com a sua amada Uni-

“A verdade, porém, é que os jacarandás já não estão no inferno. Vivem agora numa promessa de paraíso talvez. E eu, como seu guardião e cronista, agora sim, devo calar-me. Pelo menos durante um bom tempo.”

ainda muitos e magníficos amigos que ele considera cada vez mais heróis e mártires.

Mas um dia, olhando o mar aqui da janela mais larga da concha em que vive, o computador portátil, ali naquela mesa de vidro, soltou um *bip* que parecia ter outra música.

Estava absorto a meditar na vida, nas centenas de exames que tinha para corrigir, pela noite adentro, nas dezenas de conferências em que iria palestrar nas próximas semanas, nos milhares de páginas de teses de mestrado e doutoramento que deveria ler, meditar, e apreciar em júris dali a muito pouco tempo. Infelizmente quase tudo sem grande novidade e sem grande garra... E como isso tudo estava a ser demasiadamente enredado por uma rotina de atribuição de graus e de aprovação de massa, criando ilusões nos

versidade. Via nela ainda forças robustas para lutar contra a barbarização e a burocratização. Via jovens entusiasmados e sérios, com capacidade e com vontade de não pactuar com cantos de sereia. Via anciãos venerabilíssimos, acima de qualquer suspeita, cujas carreiras eram uma esteira de luz e inspiração. Mas também via alguns fantasmas que se agitavam... E algumas ribaltas mediáticas, por exemplo, em alguns países, baralhavam as competências e promoviam não se sabe com que critérios. Ora a realidade passou a ser o que se emite mediaticamente, não o que se apura em labores de biblioteca e laboratório, e se avalia em júris rigorosos.

O *bip* do computador acordou-o das suas cogitações.

Era um e-mail duma empresa internacional

de arquitetura. Não consegui ler, do ângulo em que me encontrava, o belo papel timbrado, com letras desenhadíssimas azul celeste.

Estava escrita em francês, o que achei do maior gosto, requinte e elegância.

E era o que se poderia esperar: tendo ouvido da fama teórica do Prof. Guilherme, esse iluminado escritório de arquitetura resolveu fazer-lhe o desafio de trabalhar com eles durante o tempo que lhe aprouvesse, suspendendo as suas atividades académicas (ou, eventualmente, reduzindo-as a uma ligação simbólica: até nisso foram simpáticos e maleáveis).

Não interessa muito saber as condições. O que interessa é a janela de futuro que se

abriu. Guilherme, que sempre foi uma pessoa muito ponderada, fez meia-dúzia de telefonemas a aconselhar-se e todos os seus verdadeiros amigos (salvo um, ou um e meio...) entusiasticamente o aconselharam a aproveitar a mudança. Até porque sempre poderia voltar, se não se adaptasse.

Toda a gente deveria ter oportunidades assim. Por um lado, para conseguir colocar na prática o que se andou a estudar e a ensinar teoricamente. Por outro, para poder mudar de vida; eventualmente, até, mudar de pele.

Face a tamanho entusiasmo perante a proposta, Guilherme, que inicialmente pensara em recusar (estava velho demais para deixar a Universidade, pensava...), começou a animar-se. Começou a ver-se como *Arquiteto mesmo*. A colaborar num enorme *atelier* de arquitetura com outros, na construção real de coisas reais.

Fez as malas sumariamente e assinou o contrato num dia de sol promissor.

Ainda é cedo para qualquer balanço. Noto que desde então continua a não ter tempo. Talvez até tenha menos tempo. Mas



também não tem tempo para coisas que não interessam, como as intrigas (que nunca cultivou, mas que inevitavelmente acabava por apanhar por tabela). E mesmo esse mundo dito “real”, entra aqui mais filtrado, porque não há tempo para muita informação nada informativa, e nenhum para redes sociais. Só para dar alguns exemplos. Desvinculou-se de mil associações a que pertencia, sobretudo sociedades científicas que agora lhe pareciam, precisamente, de outra encarnação. Mas não conseguiu desligar-se da Sociedade das Papas de Sarrabulho, onde se continua a encontrar com o seu tio, que aí também foi o seu patrono.

Guilherme está agora focado em grandes projetos concretos, e esqueceu todo um conjunto de coisas que o ocupavam. É certo que lhe custa não ter pintado mais. Está a

escrever menos, muito menos. Mas farta-se de projetar, mesmo.

Pode ser que esta vida agitada de arquiteto internacional não seja a sua vocação final, ou última. Que seja uma passagem, ou um interregno, e até que volte à Universidade, com mais experiência e mais que ensinar, da prática. Quem pode dizer o que será o futuro?

Dizem que a felicidade não tem estória. Falar em felicidade será um exagero, evidentemente. A verdade, porém, é que os jacarandás já não estão no inferno. Vivem agora numa promessa de paraíso talvez. E eu, como seu guardião e cronista, agora sim, devo calar-me. Pelo menos durante um bom tempo. E deixar que Guilherme, tão atarefado agora, mas já sem as angústias existenciais que tinha, encontre à sombra da sua copa lilácea uma nova vida. •

